

O ESPAÇO-TEMPO DA (NÃO)EXPERIÊNCIA NA METRÓPOLE

Bonna Moreirão, Fábio

1 - Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

O trabalho se baseia na compreensão de um duplo: metrópole-indivíduo, a lógica da (ir)racionalidade completa do Capital no processo de produção da cidade e seu vínculo ao dilaceramento do indivíduo. Como linha condutora, se vale da obra de Raoul Vaneigem, em especial sua concepção do espaço-tempo. O texto é composto por trechos curtos, aforismos, que se propõe a ter uma lógica interna própria, mas sem descolar completamente dos demais. A ordem de tais trechos é o que menos importa, o que importa realmente é a relação entre eles.

COMENTÁRIO QUANTO AO MÉTODO

Além do formato pouco usual do texto, me proponho a fazer a leitura dos autores utilizando o método do Desvio como construído pelos Situacionistas. Os dois princípios básicos do desvio são a perda de importância de cada elemento originalmente independente (o que significa a perda completa de seu sentido original) e a organização de um novo significado que confere um sentido vivo a cada elemento. Daí a ausência de citações indicadas, apesar delas com certeza existirem. Em anexo destaco alguns trechos importantes.

O método de escrita dos situacionistas é construído de uma maneira que obriga o leitor a se colocar em um papel ativo. O texto não traz a argumentação completa das idéias e com isso deixa lacunas que tem que ser preenchidas pelo leitor. Dessa forma o texto situacionista se mantém em constante movimento, em constante desvio de si mesmo. Talvez um texto construído dessa maneira não seja nem um pouco próximo do que um trabalho científico e acadêmico se proponha a ser, apesar disso me atrevo a fazê-lo dessa forma, pois acredito que qualquer outro disso seria exatamente o outro de mim mesmo.

“Pelo próprio estilo, a exposição da teoria dialética é um escândalo e uma abominação segundo as regras da linguagem dominante e para o gosto que elas educaram: no emprego positivo dos conceitos existentes, essa exposição inclui também a compreensão de sua fluidez reencontrada, de sua destruição necessária”.

Guy Debord (A Sociedade do Espetáculo).

I

O processo de constituição do sujeito se dá pela realização da experiência: sua relação com o outro e com o espaço. Historicamente essa relação é cada vez mais mediatizada. Se enquanto seres irracionais nossa relação com o objeto era direta, nós éramos os objetos, a civilização (antes de mais nada uma série de mediações) nos distancia do objeto cada vez mais no curso de seu "desenvolvimento". O primeiro momento deste distanciamento é o estabelecimento da hierarquia, o poder constituído pela força e pelo roubo, transfigurado como propriedade privada. No momento em que nos encontramos o "progresso" civilizatório chega a um ponto no qual o homem deixa completamente de ser sujeito e passa a se relacionar somente por imagens, idealizações nem ao menos criadas pelo próprio indivíduo e sim induzidas pelo sistema.

II

O sujeito de nossa época é o Capital, o homem passa a se realizar somente como mercadoria. A cidade produzida pelo Capital não oferece a possibilidade de experiência, o indivíduo não tem espaço para acontecer na metrópole. A cidade se deforma; a casa também, e o indivíduo é a síntese dessa destituição.

III

A cidade tornada mercadoria revela um sentido que é mascarado pela generalização da troca. O valor de troca só existiria objetivamente no momento específico da troca, ao abstrair o valor de uso e tornar a sua própria abstração concreta, no instante específico. Com a forma mercadoria invadindo todos os níveis da vida esse "instante" da troca vai aumentando de tamanho e potência.

Chegamos ao ponto no qual o valor de troca se transforma no único concreto e no qual o valor de uso se vê abstraído de qualquer concretude.

IV

A esfera da cultura perde sua “autonomia” em relação à produção e no processo perde seu próprio sentido e se transforma em sua ferramenta principal. A economia invade o próprio corpo do Homem e o destitui da vida. O sentido da produção da metrópole está ligado à lógica da reprodução do capital e não a dá vida. Os "cidadãos" são formados para existirem como consumidores, expectadores. Dessa maneira estão reunidos em torno de um nódulo (a cidade), mas separados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne como separado.

V

As relações sociais são terrivelmente mediadas pela troca, a experiência se perde no ato do consumo. Apesar de tal inibição, a experiência não está perdida. Ao se perder ela recebe a qualidade de subversão, de crítica. A realização da experiência na metrópole é revolucionária. Para tal salto qualitativo ocorrer é imprescindível que nos coloquemos como sujeitos. O momento da ação, do fator “*subjetivo*”, aparece quando – reunidas já todas as condições *objetivas* – basta um fraco impulso proveniente do “sujeito” para que o salto se opere. Essas condições objetivas, porém, são exatamente os agentes que inibem a constituição do sujeito e que colocam o Capital em seu lugar. Está colocada então uma das grandes contradições de nossa época e, dessa forma, a dificuldade e falta de grandes transformações sociais realmente geradas pelo sujeito-Homem. Todos estão metidos nessa alienação, não são somente os mais pobres. A sobrevivência acontece em diversos níveis, mas está generalizada. Neste mundo da economia, não há vida e vontade de viver para ninguém. Há somente sobrevivência.

VI

É necessário estabelecer o limite do uso do conceito situacionista de sobrevivência (*survie*) concebido na atmosfera da política do bem estar social, aonde e quando a manutenção física da vida era garantida pelo estado. No

Brasil tal conceito tem um limite claro: aqui não se trata da luta contra a sobrevivência, e sim por ela, que se estabelece como o mínimo. A questão é de (sobre)vida ou morte, onde as relações de classe estabelecem esse limite - a "burguesia" ainda que proletarizada paga pela sobrevivência, quem não pode pagar por ela está condenado. O dilaceramento do indivíduo que constrói o plano da sobrevivência é o fim da vida, apesar disso há quem busque por ele. Nas periferias pobres e proletarizadas do mundo o dilaceramento do indivíduo é acompanhado do dilaceramento do corpo.

VII

A sociedade que colocou o carro como cidadão prioritário, através da construção das grandes vias e pelo tráfego intenso dos automóveis, fez a maior demonstração até então do que significa "reunir como separado". Isolados em seus automóveis, à multidão automatizada o encontro é impossível. Mas o que era uma consequência e depois uma causa, o automóvel não pode hoje ser definido como vilão. Ainda que se destruíssem todos os carros e autovias, a experiência só pode acontecer plenamente com a negação total da sociedade vigente.

VIII

O mundo virtual da Internet se configura como exemplo máximo tanto do papel/personagem, quanto da separação que reina no âmago social. Sozinhos na esfera particular, os pseudo-indivíduos assumem sua personagem sem as restrições encontradas no "mundo real". O "mundo da comunicação" se produz através da incomunicação total, da total falta de experiência. O mundo invertido da Internet é o reflexo do mundo invertido do real.

IX

A possibilidade de um projeto que negue a negação da cidade passa pelo plano do vivido, da vida cotidiana: o espaço e o tempo onde os conflitos se explicitam, onde os diversos planos cruzam diretamente a vida, portanto, o lugar da possibilidade de transformação. Eis a importância do estudo do plano da vida cotidiana para uma Geografia que quer atuar como crítica.

ANEXO

Todos os grifos pelos próprios autores

A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo o trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstração. No espetáculo, uma parte do mundo *se representa* diante do mundo e lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne *como separado*.

Guy Debord. A Sociedade do Espetáculo. Aforismo 29, página 23.

(...)Notamos que a lei dos saltos é a grande lei da ação. A ação e o conhecimento não podem criar nada já pronto e acabado. O momento da ação, do fator “*subjetivo*”, aparece quando – reunidas já todas as condições *objetivas* – basta um fraco impulso proveniente do “sujeito” para que o salto se opere.

(...) Quando um conjunto de realidades conexas atravessam a mesma crise, ou são submetidas a transformações solidárias, produz-se o que Hegel chama de “uma linha nodal”. Cada ponto de transformação aparece como um “nó” de relações e de mudanças; desse modo, o conjunto desses “nós” ou “pontos nodais” forma efetivamente uma linha. Assim, a crise de uma civilização pode consistir numa crise da cultura, da economia, da política, da vida social, do pensamento. Cada crise tem suas particularidades. O conjunto forma a “linha nodal” no sentido hegeliano da expressão.

O salto dialético implica, *simultaneamente*, a continuidade (o movimento profundo que continua) e a descontinuidade (o aparecimento do novo, o fim do antigo).

Henri Lefebvre. Lógica Formal/Lógica Dialética, página 239.

O âmbito dos desejos humanos e a instrumentalidade para sua gratificação foram (através da transformação do princípio do prazer em princípio de realidade) incomensuravelmente aumentados, e sua capacidade para alterar a

realidade, conscientemente, de acordo com o “que é útil”, parece prometer uma remoção gradual de barreiras estranhas à sua gratificação. Contudo, tanto os seus desejos como a sua alteração da realidade deixam de pertencer, daí em diante, ao próprio sujeito; passam a ser “organizados” pela sua sociedade. E essa “organização” reprime e transubstancia as suas necessidades instintivas originais. Se a ausência de repressão é o arquétipo de liberdade, então a civilização é a luta contra essa liberdade.(...) O que a civilização domina e reprime – o princípio do prazer – continua existindo na própria civilização. O inconsciente retém os objetivos do princípio do prazer derrotado. Rechaçada pela realidade externa ou mesmo incapaz de atingi-la, a força total do princípio de prazer não só sobrevive somente no inconsciente, mas também afeta, de múltiplas maneiras, a própria realidade que superou o princípio do prazer. O *retorno do reprimido* compõe a história proibida e subterrânea da civilização.

Herbert Marcuse. Eros e Civilização. Páginas 35-36-37.

Quanto mais o tempo fictício se harmoniza com o espaço fictício que cria, mais nos encaminhamos para o estado de coisa, para o puro valor de troca. Quanto mais o espaço do vivido autêntico se concilia com o tempo realmente vivido, mais se torna firme o domínio do homem. O espaço-tempo unitariamente vivido é o primeiro foco da guerrilha, a faísca do qualitativo na noite que ainda dissimula a revolução da vida cotidiana.

Raoul Vaneigem. A Arte de Viver para a Geração Nova. Página 341.

9. BIBLIOGRAFIA

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-Tempo na Metrópole*. São Paulo: Contexto, 2001.

DAMIANI, Amélia Luisa. As contradições do Espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do espaço in *O Espaço no Fim de Século: A Nova Raridade*. São Paulo: Contexto, 2001.

DEBORD, Guy. *La Société du Spectacle*. Paris: Gallimard, 1992.

DEBORD, Guy. *Potlatch (1954-1957)*. Paris, Gallimard, 1996.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Cláudio R. *Estilhaços da experiência urbana moderna – Dois bairros na metrópole de São Paulo: Tatuapé e Vila Aimoré*. São Paulo: DG/FFLCH-USP, 2001. (dissertação de mestrado).

FREUD, Sigmund. O Mal Estar na Civilização in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GEORGE, Pierre. *Sociologia e Geografia*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969.

GRANOU, André. *Capitalismo e Modo de Vida*. Porto: Afrontamento, 1975.

HUXLEY, Aldous. *Contraponto*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1973.

INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. Paris: Arthème Fayard, 1997

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Antologia. Lisboa: Antígona, 1997.

JACQUES, Paola Berenstein (org). *Apologia da Deriva - Escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la Vie Quotidienne II – Fondements d'une sociologie de la quotidienneté*. Paris: Arche, 1980.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica Formal/Lógica Dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

RATGEB. *Da Greve Selvagem à Autogestão Generalizada*. Lisboa: Assírio & Alvin, 1974.

VANEIGEM, Raoul. *A Arte de Viver para a Geração Nova*. Porto: Afrontamento, 1980.

VANEIGEM, Raoul. *Aviso a los Vivos sobre la Muerte que los Gobierna y la Oportunidad de Deshacerse de Ella*. Tierradenadie Ediciones, 2002.

VANEIGEM, Raoul. Banalidades de Base. IN: *Situacionista: Teoria e Prática da Revolução*. São Paulo: Conrad, 2002.

VANEIGEM, Raoul. *Isidore Ducasse el Iê Comte de Lautréamont dans les Poésies*. 1956. (<http://library.nothingness.org/articles/all/fr/display/72>)

VANEIGEM, Raoul. *Nous qui désirons sans fin*. Paris: Gallimard, 1996